

Sistema sufoca o País

JOÃO ALVES DE ALMEIDA

Os maiores jornais do País vêm publicando seguidamente páginas inteiras do falatório dos candidatos à Presidência da República que mais se destacam nas pesquisas de opinião sobre a intenção do voto no pleito de 15 de novembro próximo. Igual espaço concedem também aos políticos de maior evidência. Os nossos candidatos, como de resto os políticos que tanto falam e escrevem, ou são filhos do sistema responsável pela crise que nos atormenta há vários anos, ou já ocuparam o Poder, como Presidente ou governador, sem que registrassem, durante a respectiva gestão, qualquer mudança que vislumbre agora uma esperança de melhores dias para o povo e a Nação. Constatam-se, pelo que dizem, as boas intenções e o desejo de uns, a seu modo, de bem governar o Brasil, só que as propostas saem do próprio sistema, evidenciando que não estão preparados para administrar o País na plenitude de sua complexidade, onde as aberrações já não conhecem limite. O povo, ao que se observa, já não se interessa pelas entrevistas e discursos dos candidatos em que prometem acabar com muita coisa, menos com o sistema-monstro que nos devora, mas gostaria de ler algo que destoasse da cantilena deles e se ajustasse às suas aspirações. Pena é que possuindo o Brasil verdadeiras sumidades nas mais diversas atividades, não queiram elas opinar sobre a situação do País, para não se envolverem nas tramas da política, onde são comuns as provocações, infâmias e calúnias, até porque, ao que dizem, não pretendem cargos no governo. Esses homens, se garantia tivessem de ser respeitados (e a imprensa tem condições de fazê-

lo, não divulgando ofensas contra eles), não se negariam a colaborar, com vistas aos legítimos interesses da Pátria: emitindo opiniões, conselhos, sugestões, traçando diagnóstico da vida do País e apresentando soluções para os problemas fundamentais, capazes de impressionar a opinião pública e os próprios candidatos, surgindo daí uma nova mentalidade, a começar pela racionalização dos costumes. E isso não se conseguirá jamais com as pessoas formadas nesse modelo degenerado de vida, cuja estrutura montada há dezenas de anos não será destruída com medidas sensoriais. A reeducação só ocorrerá se a imprensa abrir espaços, com pelo menos uma página em cada jornal, duas ou três vezes por semana, para acolher os artigos desses brasileiros sábios em administração pública, que não pertencem a esta geração, os quais, com absoluta imparcialidade, apresentariam planos que muito iriam ajudar ao futuro Presidente, mesmo que o eleito seja do tipo recalcitrante, avesso a conselhos e sugestões.

Em 1938, o escritor norte-americano Emil Ludwig, comentando as eleições presidenciais de 1933 nos Estados Unidos, informava que no início daquele ano o *The New York Times* concedeu uma página diária para pessoas categorizadas, sem vinculação política, escreverem artigos analisando a situação nacional e sugerindo soluções para os problemas que afigiam o País, em face da administração desastrosa do então presidente Herbert Clark Hoover. Surgiu, então, em meio aos milhares de artigos que chegavam à redação, um escrito pelo advogado e pecuarista de Massachusetts, J. Bruckl Junior, sugerindo um programa de Governo para o futuro pre-

sidente, onde inovava uma série de medidas de ordem econômica e administrativa, inclusive para o campo, que impressionou a direção do jornal. Divulgado com destaque, para valorizar a matéria, teve o artigo grande repercussão — naturalmente lido, estudado e guardado pelos dois candidatos à Presidência da República. Eleito Franklin Delano Roosevelt, introduziu ele em sua administração as sugestões do Sr. Bruckl. Roosevelt realizou um dos maiores governos daquele país. O autor do artigo recusou todos os cargos que lhe ofereceu o presidente, preferindo continuar como observador estranho em sua vida privada.

Por essa época governava a Bahia o Dr. Landulpho Alves, e eu lhe mostrei os comentários de Ludwig. Landulpho passou a ler o livro do escritor americano e não sei se por influência da matéria (nunca falou sobre o assunto) passou a abrir estradas, cortando o estado, município por município; estimulou a produção a tal ponto que tivemos um aumento na agropecuária superior a mil por cento em menos de três anos. Instituíu na Bahia (que depois se espalharam por todo o País) as famosas Exposições de Animais e Produtos Deridados. Fez um excelente governo.

Aí está a fórmula como poderia a imprensa descobrir valores, cujos conhecimentos, nessa hora de disputa pela Presidência da República, iriam ajudar o País com novas idéias, e os próprios candidatos, já que teremos de eleger um deles.

João Alves de Almeida, 70, exerce o sétimo mandato de deputado federal pela Bahia. Presidiu por muitos anos a Comissão Mista do Orçamento do Congresso. É também economista, administrador de empresas e analista político, com livros publicados.